



## Desventuras de Mr. Magoo: Ernest Sosa indaga “How do you know?”

*Mr. Magoo's misfortunes: Ernest Sosa enquires, “How do you know?”*

João Carlos Salles\*

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

---

### Resumo

Nosso objeto é a análise do conhecimento empreendida por Ernest Sosa, por cuja trama, segundo acreditamos, seu extenso trabalho se configura como uma obra, comportando uma *démarche* específica. De modo mais específico, pretendemos recuperar neste texto as dificuldades e a novidade do artigo “How do you know?”, com o qual Ernest Sosa, mesmo com hesitações e recuos, fez modificar-se bastante o cenário da análise do conhecimento em direção a uma epistemologia das virtudes. A análise explicita então uma nota característica do conhecimento deveras óbvia, mas que, não obstante a obviedade, precisava ser enunciada. Para conhecer, o sujeito necessita estar em posição de conhecer, sendo o conhecimento uma *performance* humana. Dessa forma, mesmo não tendo encontrado ainda a fórmula positiva da epistemologia das virtudes, o artigo de Sosa tem um lugar especial entre seus trabalhos, situando-se nas origens de seu pensamento mais maduro e no contexto de uma obra *in fieri*.

**Palavras-chave:** Ernest Sosa. Conhecimento. Análise. Gettier. *Magoo situations*.

---

\*JCS: Doutor em Filosofia, e-mail: [jcsalles@ufba.br](mailto:jcsalles@ufba.br)

---

**Abstract**

*Our objective is the analysis of knowledge undertaken by Ernest Sosa, through whose weaving, as we understand it, his extensive work shapes itself as a one that requires a specific démarche. More specifically, we intend to recover the difficulties and trends of innovation in the article "How do you know?"; with which Ernest Sosa, even when hesitating and backing up, made a difference in the scene of knowledge analysis in the direction of an epistemology of virtues. Thus, the analysis makes explicit a feature of knowledge, which despite its truism, required enunciation. In order to know, the subject must be in a position of knowing, being knowledge a human performance. Therefore, even if the positive formula of the epistemology of virtues is not found, Sosa's article holds a special place among his other works, placing it in the origins of his more mature thinking, and in the context of a work in progress.*

**Keywords:** Ernest Sosa. Knowledge. Analysis. Gettier. Magoo situations.

---

A paisagem é minha  
só porque tenho olhos.  
O pássaro é meu  
só porque tenho ouvidos.  
Amo com a mão as coisas  
que o estar aqui me deu.

Cassiano Ricardo

**1**

Um texto insere-se em uma série histórica e só nos diz algo em um contexto definido. Ou seja, se bem lido, não nos retorna o que desejemos perguntar, mas sim o quanto pode responder. Com boa técnica, nós nos aproximamos dele como de um documento, o mais das vezes envelhecido e, também, em grande parte superado, de sorte que o rigor

de nossa leitura costuma implicar enorme perda. Felizmente, em sendo um documento e tendo um contexto preciso, um texto também pode ser visto como uma surpresa e, logo, com sua abertura, com a engenhosidade e os limites de suas respostas a nossas indagações, pode ser lido como se acabasse mesmo de nascer.

Neste artigo, tendo em conta sua força no contexto da obra, queremos recuperar a novidade de “How do you know?”, com o qual Ernest Sosa fez modificar-se bastante o cenário da análise do conhecimento e, em importante avanço, carregou abundante água em cesto para as origens da epistemologia das virtudes<sup>1</sup>. O conhecimento adquire então uma nota característica deveras óbvia, mas que, de todo modo, precisava ser enunciada. Para conhecer, o sujeito necessita estar em posição de conhecer, sendo o conhecimento uma *performance* humana.

A personagem de Mr. Magoo, como exemplo de ficção reverso, é então emblemática. De certa forma, ela antecipa, pela negativa, o tipo de descrição do conhecimento que encontraremos em abundância na obra de Sosa, quando o papel das virtudes intelectuais estiver bem assentado. Tomemos, por exemplo, a descrição do conhecimento como uma *performance*, tal como apresentada na segunda das *Locke Lectures*, de junho de 2005, na qual a situação normal e corrente do conhecimento pode ser bem compreendida como diametralmente oposta às *Magoo situations*.

Conhecer assemelha-se à *performance* de um arqueiro, caso se trate de uma *performance* cujo sucesso possa ser atribuído à habilidade do arqueiro, e não a um acaso — em paralelo aqui aos exemplos de Gettier, que transgridem a definição clássica de conhecimento por a crença poder sim atingir o alvo (a saber, a verdade), mas não pelas evidências disponíveis ao sujeito. Para o bom arqueiro (oposto a um Mr. Magoo), a seta lançada atinge o alvo, o tiro manifesta sua habilidade (que deve ser relevante para o manuseio de arcos e flechas) e, sobretudo (essa a chave fundamental), a seta atinge o alvo em virtude dessa sua habilidade, e não devido à interferência casual de golpes de

<sup>1</sup> Cf. SOSA, E., “How do you know?”, 1974a. O texto foi concluído em janeiro de 1973. Com modificações, foi publicado como segundo texto da Parte I, “What is knowledge, and how is it possible?”, de SOSA, E., *Knowledge in perspective*, 1991.

vento ou quaisquer outros acidentes externos. Como uma *performance*, aplica-se às crenças essa estrutura relativa a *performances* em geral:

Podemos distinguir entre a exatidão de uma crença, ou seja, sua verdade; sua perícia, ou seja, sua manifesta virtude epistêmica ou competência; e sua adequação/aptidão, isto é, seu ser verdadeira *porque* competente.<sup>2</sup>

Sosa comenta essa definição em nota — com o que, mais uma vez, nos ensina a ler sua obra. E seu comentário vem muito a propósito. Primeiro, ele compara a definição com outras de textos anteriores, e mesmo se refere a *Knowledge in perspective*, mas a artigo da coletânea publicado em 1988 — bem posterior, portanto, a “How do you know?”. Também se refere nessa nota à perspectiva mais ampla que precisou ser alcançada para uma resposta efetiva ao problema de Gettier, qual seja, uma visão que “ênfatize o sujeito e as virtudes ou competências do sujeito”<sup>3</sup>. Enfim, em terceiro lugar, registra que a visão desenvolvida em 2005 seria a mesma daquela já presente em *Knowledge in perspective*, conquanto a presente mais bem formulada nas *Locke Lectures*.

Acerca dessa terceira observação de Sosa, cabe-nos destacar dois aspectos. Primeiro, sendo ela a mesma ou não, essa fórmula aprimorada, tal como exemplificada em 2005, ainda sofrerá modificações importantes ao longo da obra, como pretendemos analisar em outros trabalhos. Segundo, se a solução já estava presente em *Knowledge in perspective* (como no texto mencionado de 1988), não estava formulada explicitamente à altura de 1973, quando da redação de “How do you know?”, que, entretanto, dela se aproxima mais que textos posteriores de Sosa, e já comporta o núcleo central da solução, embora não tenha enfatizado plenamente o papel do sujeito e mesmo dele se desvie, após estar muito próximo da ênfase desejada, concentrando enorme esforço na formulação de uma árvore do conhecimento que rejeite na origem qualquer falsidade capaz de contaminar a justificação.

<sup>2</sup> SOSA, E., *A virtue epistemology: Apt belief and reflective knowledge*, p. 23. Todos os trechos traduzidos são tradução nossa.

<sup>3</sup> SOSA, E., *A virtue epistemology: Apt belief and reflective knowledge*, p. 24n.

## 2

A principal dificuldade herdada de “Propositional knowledge” (1969) e de “Two conceptions of knowledge” (1970) seria a de como dar conta do contraexemplo das lembranças disjuntivas, que trouxera embaraço decisivo às tentativas anteriores de resolver o problema de Gettier, qual seja, o fato de que “a visão trinitária do conhecimento como crença verdadeira justificada foi refutada”<sup>4</sup>. As outras dificuldades listadas por Sosa apontam para a elaboração de uma fundamentação do conhecimento, na qual a produção da evidência não dê lugar quer à irrelevância de laços entre os eventos, quer à possibilidade de a evidência decorrer de alguma falsidade — casos em que, mesmo tendo a crença atingido o alvo, não diríamos haver conhecimento<sup>5</sup>.

O caso das lembranças disjuntivas, reformulado para evitar objeções de Gilbert Harman e Roderick Chisholm, apresenta a possibilidade de Miss Take não mais ter visto que um objeto seria preto ou seria marrom, pois não há um *ver* disjuntivo, mas sim teria modalmente a lembrança de ter sido evidente para ela ter visto um objeto preto ou marrom<sup>6</sup>. Porém, apesar da relevância central deste problema, a atenção de Sosa se voltará sobretudo àquelas duas dificuldades (ou correlatas), sem dar o destaque devido ao problema das lembranças disjuntivas, para cuja solução já teria à mão quase todo o instrumental teórico necessário.

Dado esse contexto de avanço e hesitação, vejamos a extrema novidade de “How do you know?”, ao qual se associa “On our knowledge

<sup>4</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 113.

<sup>5</sup> Como dissemos em SALLÉS, J. C., “Conhecimento & análise em Ernest Sosa”, texto a que este artigo dá seguimento, uma análise adequada deveria dar conta do problema da lembrança disjuntiva. Além dessa primeira e principal dificuldade, deverá enfrentar “a dificuldade mais técnica de produzir uma cadeia de justificação que estabeleça a interconexão entre proposições fundamentais, de modo que haja sustentação epistêmica não-falha nem vulnerável para o sujeito e a proposição a ser conhecida. Por haver um conjunto *A* em que *x* e *y* são evidentes (mas não auto-evidentes) e a evidência de um tornar o outro evidente, o conjunto *A* não explica como *z* é evidente, mesmo que a evidência de *x* seja suficiente para a evidência de *z*. Também precisa enfrentar a terceira dificuldade de discernir em uma pirâmide ou em uma árvore do conhecimento os traços epistemicamente relevantes, de sorte que sejam afastados juízos falseadores, tendo em conta que a confiança em um mesmo contexto proposicional pode nos conduzir a verdades e falsidades”.

<sup>6</sup> Cf. SALLÉS, J. C., “Conhecimento & Análise em Ernest Sosa”.

of matters of fact". Nesse momento, tendo claro que "conhecimento é crença correta no que é evidente para você", em face portanto desse que conhece<sup>7</sup>, Sosa está a um passo e no caminho de antecipar a ênfase no sujeito depois considerada por ele mesmo tão decisiva. Em "How do you know?" explicita-se bem a esperança de aprimorar nosso conhecimento acerca do conhecimento mediante a pergunta pelas condições nas quais uma proposição corretamente acreditada é uma amostra de conhecimento, mais propriamente, mediante a pergunta acerca de como se conhece.

Olhar mais largo para a história da filosofia em "How do you know?", Sosa aceita o vínculo cartesiano entre verdade (se conhecimento) e evidência. É conhecimento, se evidente; é evidente, se justificado teoricamente. Isso, porém, não parece bastar. Em que outras circunstâncias a verdade de uma proposição afigura-se evidente para alguém? Aqui, alguns princípios extralógicos (princípios, pois, epistêmicos) precisam ser invocados, nesse estudo das condições por que uma proposição corretamente aceita constitui conhecimento e, por conseguinte, estudo das condições de emergência do sujeito epistêmico.

Essa emergência do sujeito, entretanto, que pode conduzir à solução mais simples e natural ao problema de Gettier, caso atendida a cláusula de que não se deve argumentar através de uma falsidade, comporta dois caminhos, ambos presentes em "How do you know?". Por um lado, o caminho de apresentar o exercício de faculdades cognitivas enquanto definidor do conhecimento. Por outro, uma apresentação que torna "How do you know?" algo equivalente às *Regras para a direção do espírito*, com a apresentação da pirâmide epistêmica ou, enfim, da árvore do conhecimento.

Ambos os caminhos seriam cartesianos, sem dúvida, mas com distinta ênfase. Vejamos, então, em Sosa, essas duas vertentes. Uma delas, que termina por ter mais destaque, a da construção de uma árvore do conhecimento, que atualiza algo da ordem clássica dos dois caminhos para a verdade — a saber, a dedução e a experiência. A outra, bem mais importante, segundo o olhar retrospectivo que ora lançamos ao texto: o destaque dado para as virtudes de um sujeito como decisivas à definição

<sup>7</sup> SOSA, E., "On our knowledge of matters of fact", p. 404.

de conhecimento — destaque evocado, decerto, mas cujas consequências extraordinárias terminam por não ser todas elas extraídas.

### 3

Apresenta-se a questão: o que seria suficiente para estabelecer como evidente para  $S$  que  $p$ , se  $p$  não for autoevidente e tampouco for suficiente que  $S$  acredite corretamente que  $p$  para estabelecer sua evidência? Ora, tudo aponta para a resposta de haver um conjunto não vazio de proposições que fundamentem essa evidência. A ideia seria simplesmente a de que, se você sabe que  $p$ , não sendo isso autoevidente, “você precisa ter fundamentos para acreditar que  $p$ , e esses fundamentos precisam fazer evidente para você que  $p$ ”<sup>8</sup>. Esse fazer evidente indica não bastar o conjunto de proposições, sem princípios geradores da evidência epistêmica. O conjunto apenas não indica, portanto, como chega a ser evidente para um sujeito que  $p$ .

Quando então uma proposição é evidente para  $S$ ? A proposição é evidente, se e somente se há um conjunto de proposições, *juntamente com princípios epistêmicos*, que fundamente por completo essa proposição para  $S$ , podendo tal conjunto, no caso de uma proposição autoevidente, ser um conjunto vazio<sup>9</sup>. Começa assim a corrida da análise, com uma primeira definição (1), a ser desafiada em seguida por contraexemplos:

$S$  sabe que  $p$  em ambas as condições: (a)  $S$  corretamente acredita que  $p$ , e (b) há um conjunto de proposições que fundamenta por completo que  $p$  para  $S$ <sup>10</sup>.

<sup>8</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 114.

<sup>9</sup> A obstinação por fundamentos pode mostrar-se contraintuitiva. Se cobrássemos em todos os casos a apresentação de fundamentos, o volume do conhecido reduzir-se-ia drasticamente. Cf. SOSA, E., “On our knowledge of matters of fact”, p. 388. Não dizemos, em condições normais, que conhecemos por termos à mão uma cadeia completa de fundamentos, mas por lembrarmos que seja assim, por termos percebido em condições adequadas, enfim, como dirá em algum momento, por termos exercido com competência nossas virtudes intelectuais.

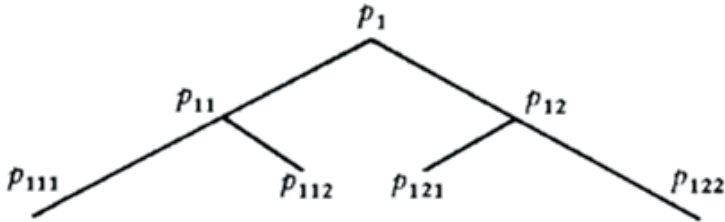
<sup>10</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 114.

Uma segunda definição (2) segue-se a esta, explicitando-se a explicação por uma cadeia de fundamentos através da ideia e imagem de uma pirâmide epistêmica, na qual cada linha de sustentação deve ser finita, sendo todo nódulo da armação verdadeiro e sustentáculo de evidência da proposição  $p$ , que enfim conheceríamos. A cada conjunto de sustentação de  $x$  mencionado na definição (1) corresponderia uma pirâmide epistêmica para  $S$  e  $x$ . Com isso, teríamos uma segunda definição do conhecimento, ambas compatíveis, (1) e (2), agora em formulação bem mais fundamentista, com o esboçado anteriormente em “Propositional knowledge”:

- (2)  $S$  sabe que  $p$ , se e somente se
- (a) é verdadeiro que  $p$ ;
  - (b)  $S$  acredita que  $p$ ; e
  - (c) há uma pirâmide epistêmica para  $S$  e a proposição que  $p$ .<sup>11</sup>

Sosa fornece uma imagem dessa estrutura piramidal de justificação de proposições por meio de proposições:

Figura 1 – Pirâmide Epistêmica



FONTE: SOSA, 1974a, p. 115.

Ora, se esta definição for equivalente à definição tradicional, será igualmente inadequada, caso não acrescente a exigência de que pirâmides epistêmicas jamais contenham nódulos falsos, sequências defeituosas. Teríamos assim um *proviso* anti-Gettier, mas esse caminho, assim

<sup>11</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 115.



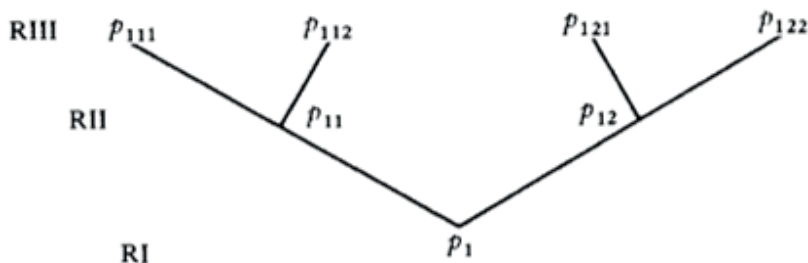
como assemelhados que apenas procuram evitar casos gettierescos, parece gerar apenas mais e mais cláusulas *ad hoc*, chamadas a explicar situações extravagantes e, digamos, a *salvar as aparências*, permitindo a sobrevivência de nossa crença no movimento do Sol ao redor da Terra.

O caminho positivo, sugerido já em “Propositional Knowledge”, indicaria a procura de um laço causal, de um vínculo relevante entre os elementos disponíveis para crer e a crença assim justificada e verdadeira, que também chamaríamos de conhecimento. A definição tradicional falharia por não dar conta de laços causais, mas fórmulas alternativas, enquanto se conservam negativas, também falham. De toda forma, esse caminho não pode ser satisfeito sequer pela elaboração mais sofisticada de uma pirâmide epistêmica, mesmo quando esta se transforma em uma árvore de conhecimento, versão melhorada da pirâmide, que, proporcionando uma explanação completa de como *S* chega a conhecer algo, pode ser assim descrita:

Cada nóculo de uma tal árvore é uma proposição. Se a proposição não é autoevidente para *S*, então precisa ter sucessores na árvore. Os sucessores de um nóculo precisam juntos fornecer evidência para esse nóculo. Cada ramo de uma árvore (completa) precisa ter um término. Finalmente (e para resolver o problema de Gettier), precisamos exigir que cada nóculo seja verdadeiro.<sup>12</sup>

Em uma imagem:

Figura 2 – Árvore epistêmica



FONTE: SOSA, 1974a, p. 121.

<sup>12</sup> SOSA, E., “On our knowledge of matters of fact”, p. 393.

Tendo em conta essa descrição de uma árvore do conhecimento, mais flexível e tecnicamente mais eficaz que a estrutura de uma pirâmide, como iremos discutir em outro texto, temos nova definição, a quinta neste texto:

(5) *S* sabe que *p*, se e somente se

(a) *S* corretamente acredita que *p*; e

(b) há uma árvore do conhecimento para *S* e a proposição de que *p*.<sup>13</sup>

Em suma, essas definições são expressão eficaz de uma técnica de prevenção e, logo, um artifício negativo, não conduzindo a uma definição positiva do conhecimento. O *provisio* é negativo. Por isso, podemos atendê-lo e, todavia, não termos resposta para a questão de como sabemos, mas sim alguma para os casos em que fracassamos em saber. Há assim uma continuidade entre as definições (1), (2) e mesmo a (5) e a definição originalmente apresentada em 1964, em "Analysis of 'knowledge that P'" (também publicado em *Knowledge in perspective*), definição podada agora e reduzida a traços essenciais. Não deixam de ser todas elas estreitas, por progressivamente refinadas que o sejam. Em suma, essa mesma e diversa posição seria: conhecimento é uma crença correta sustentada por uma pirâmide epistêmica não falha. Todas indicam, enfim, que não se pode ter conhecimento argumentando via alguma falsidade, onde quer que a situemos, em pressuposto, crença, juízo ou qualquer coisa do tipo, de sorte que, pela negativa, dariam conta de dificuldades listadas em "Two conceptions of knowledge", mas não do problema da lembrança disjuntiva.

Se atentamos, porém, para o problema das lembranças disjuntivas e para a ênfase no sujeito (que posteriormente Sosa afirmará ser um passo fundamental na solução do problema), a definição (5) é quase um recuo em relação às definições (4) e (5), como pretendemos mostrar agora. Talvez por isso, por não considerá-la um avanço, mas sim um aperfeiçoamento, Sosa transforma a parte III de "How do you know?",

<sup>13</sup> SOSA, E., "How do you know?", p. 122.

quando o recolhe em *Knowledge in perspective*, em um *Appendix*. Desse modo, essa definição (5) e a exposição da árvore do conhecimento podem ser considerados aprimoramentos técnicos da definição (2), que expressa a tentativa de evitar o problema de Gettier por referência a pirâmides epistêmicas. Sendo essa ou não a razão da transformação da parte III em um apêndice, ela valoriza as definições (3) e (4), com as quais Sosa aproxima-se de forma decidida das melhores definições de conhecimento, à luz da futura epistemologia das virtudes. E o texto respira mais futuro, se o vemos concluído com sua parte II, na qual se narram desventuras próprias de um Mr. Magoo.

#### 4

Na Parte II, o olhar volta-se a como se conhece, e também a quão bem se conhece. Ou seja, estar justificado para acreditar depende de quão bem os dados disponíveis são usados. Aqui, levanta-se já uma objeção, um importante contraexemplo, ao mero uso da pirâmide. Paradoxalmente, pela explicação da evidência a partir da pirâmide (que por isso se mostra inadequada), quem usar dados mais restritos pode ter conhecimento, enquanto quem investigar mais e melhor não o teria. Esse é o caso exatamente de se ter mais informação e menos conhecimento, como quando nos baseamos em uma amostra mais restrita e temos mais certeza e quando, ao contrário, temos uma amostra maior da população, mas a anterior certeza se desvanece. Logo, a pirâmide isoladamente não pode decidir. E esse uso restrito ou distorcido, mesmo feito razoavelmente, configura uma *Magoo situation*; ou seja, uma situação de mau uso ou de falta do equipamento cognitivo.

Se pensamos no investigador normal em busca de conhecimento, temos o oposto de Mr. Magoo. Por conta deste exemplo de ficção (que cumpre papel lógico semelhante ao do indivíduo incapaz de notar aspectos e de, por isso, constituir a significação, em exemplo de Wittgenstein), temos que a possibilidade do defeito cognitivo sugere mais exemplos negativos de conhecimento, quebrando a suficiência da tradicional definição trinitária de crença verdadeira justificada. No caso

de um investigador normal, a falta de conhecimento pode remontar a uma irresponsabilidade epistêmica, pela qual o investigador (como um *tenderfoot*, um “café com leite”) se afasta do patrimônio epistêmico da comunidade a que pertence, ou realiza uma *performance* subnormal, pela qual podemos culpar tão só esse mesmo investigador. Porém,

por hipótese, Magoo conduz uma “investigação” impecável tanto ao acessar seus dados quanto ao basear-se neles. Entretanto, ele não alcança o conhecimento, apesar de sua crença correta e respaldada.<sup>14</sup>

A falta pode significar uma falha no acesso a dados ou na capacidade de justificação, mas pode mais radicalmente significar uma *Magoo situation*, na qual o indivíduo, simplesmente, não está em posição de conhecer, por conta de seu equipamento cognitivo falho. Sosa, portanto, aproxima-se do problema pela negativa, e falta ainda nesse texto a formulação do traço positivo pelo qual o modo como conhecemos importa essencialmente para termos ou não conhecimento, sendo um traço definidor a ser incorporado na análise.

Magoo pode satisfazer todas as cláusulas, mas não pode colocar-se na condição inicial de ser um sujeito do conhecimento, no caso, “um K, por exemplo, um ser humano”. Afinal, apesar de rigor minudente e raciocínio impecável, falha em colocar-se na posição de conhecer, seja (1) por equipamento cognitivo falho, seja (2) por falta de informações gerais compartilhadas. Com todas as condições satisfeitas, pode falhar por outras razões, por exemplo, por não aplicar adequados princípios epistêmicos. Aqui, Sosa admite, inclusive contra suas abordagens anteriores, a necessidade de nos afastarmos da pauta tradicional do debate sobre o problema de Gettier, pois “nós precisamos ir além da ênfase tradicional dada por epistemólogos a garantias e raciocínios como determinantes do conhecimento”<sup>15</sup>. Ou seja, crenças corretas e garantidas, sem que estejam contaminadas por falsidades (com o que evitam as dificuldades clássicas do problema de Gettier), podem ainda falhar em ser conhecimento.

<sup>14</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 117.

<sup>15</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 118.

A sugestão, que já adiantamos, será então a de enriquecer o repertório de conceitos epistêmicos com a noção de “estar em posição de conhecer”, sendo que Mr. Magoo se caracteriza exatamente por não estar nessa posição, e nós humanos normais bem podemos reconhecer isso. Alguns traços positivos já são afirmados. Para “estar em posição de conhecer”, o K. (*knower*) deve: (a) ter um equipamento cognitivo adequado; (b) ter relevante informação geralmente sabida; (c) ser membro de uma comunidade epistêmica (como o seria um guia florestal por oposição a um turista, *tenderfoot*); (d) ser uma fonte confiável de informação (coisa que Miss Take não seria, sendo talvez *colorblind*)<sup>16</sup>. Por tudo isso, quem pode conhecer não pode ignorar informações relevantes, que manipula sim em condições normais, no uso adequado de suas faculdades cognitivas. Os traços positivos são fortes e nos deixam a um passo da solução — passo que, todavia, insistimos, mesmo por pouco, não será dado nesse texto.

Parecemos mesmo chegar à solução própria da epistemologia das virtudes, quando Sosa substitui a análise a que chegara anteriormente por esta:

(4) *S* sabe (do ponto de vista do *K*) que *p*, se e somente se

(a) é verdadeiro que *p*;

(b) *S* acredita que *p*; e

(c) há uma pirâmide epistêmica não defeituosa (do ponto de vista do *K*) para *S* e a proposição que *p*.<sup>17</sup>

Ao explicitar que o conhecimento enquanto tal se define em função de um conhecedor (por exemplo, um ser humano normal), Sosa parece estar destacando uma espécie de cláusula zero, agora não em relação à linguagem (com a qual diríamos que, antes de ser verdadeira, *p* deve satisfazer as condições de ser uma proposição)<sup>18</sup>, mas sim em relação ao sujeito, não sendo algo conhecimento sem mobilizar as faculdades

<sup>16</sup> Cf. SOSA, E., “How do you know?”, p. 116-119.

<sup>17</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 118.

<sup>18</sup> Cf. SALLES, J. C., *A cláusula zero do conhecimento: estudos sobre Wittgenstein e Ernest Sosa*.

específicas, o ponto de vista de um conhecedor, que não ignora informações e as reúne como o ser de uma comunidade epistêmica específica.

Ao contrário de Magoo, esse ser normal “não poderia deixar de ver e ouvir as bombas”. De um ponto de vista humano, ele simplesmente não pode estar na posição de saber que chegará seguro ao outro lado de um campo de guerra, pois ignora o que um ser humano qualquer jamais deixaria de considerar nessas circunstâncias. Magoo, portanto, que atravessa incólume um percurso em meio a um bombardeio, simplesmente fracassa em conhecer, ou seja, “não tem conhecimento humano de que chegará com segurança”<sup>19</sup>.

Sosa pressente alguma circularidade nesse ponto. Talvez seja essa mesma circularidade o que impede o salto a ser dado. Com efeito, estando no *caput* da definição e em uma das cláusulas, a nota “do ponto de vista do conhecedor” aparece mais como um contexto do que como um traço enfim definidor. A aparência de circularidade se reforça por o sujeito estar nas duas pontas e entre parênteses ainda, sem contar pelo que pode trazer como contribuição sua para a definição do conhecimento, a saber, o exercício de virtudes intelectuais. Como esse vinco entre parênteses, o sujeito não se firma como ponto axial, como o será posteriormente, mas já sabemos que precisa cumprir duas cláusulas ao se colocar como agente de um conhecimento humano, quais sejam, a de não perder informações cruciais como cabe a um ser humano reunir e a de não perder qualquer informação crucial que seria própria de um agente epistêmico nessa mesma circunstância de saber que *p*.

Se esses são princípios que marcam o ser sujeito do conhecimento, que marcam, por conseguinte, o ser sujeito definidor do conhecimento, não podem ser definidos, diz Sosa, como definiríamos o que é ser um bispo em um jogo de xadrez. A lista de princípios não se esgota facilmente, não sendo ela artificial ou convencional, mas a vagueza aqui não se torna de grande ajuda, sendo talvez o último inibidor, além do reconhecimento da circularidade, do passo a ser futuramente dado.

---

<sup>19</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 118.

No momento, de qualquer forma, nossa compreensão do que é estar racionalmente justificado ou do que é estar em posição de conhecer é tão vaga quanto nossa compreensão do que é ser moral, ou bem educado, ou falar gramaticalmente. Seria muito difícil remover tal vagueza, e mesmo pode mostrar-se isso impossível.<sup>20</sup>

Continua assim não dito (por enquanto, é claro) esse lugar em que se ancoram princípios epistêmicos (listáveis? descritíveis?) que dariam conteúdo positivo à ideia de estar em posição de conhecer. A vagueza e a circularidade impedem aqui o salto. “How do you know?” constrói a forma, o molde. Falta o gesto de o preencher.

## 5

“How do you know?” é um texto extraordinário, com seu grande avanço na formulação das bases da epistemologia das virtudes e seu momentâneo recuo. Ernest Sosa, ao recolhê-lo em *Knowledge in perspective*, faz sobretudo uma alteração: transforma em “Apêndice” a Parte III, com a qual o texto antes se concluía. Na versão original, o texto culminava com a apresentação alternativa da árvore de conhecimento, apresentação que envolve refinamentos técnicos em relação à fórmula de uma pirâmide epistêmica, mas se situa exatamente no campo das minudentes discussões técnicas que caracterizavam a elite do debate sobre o problema de Gettier. Em *Knowledge in perspective*, encerrando-se o texto na Parte II, um aspecto se sobressai. Elevam-se sobremaneira as considerações sobre um sujeito que brotará pelo avesso das desventuras de um Mr. Magoo condenado a não estar na posição de conhecer.

Muitos temas da pauta sempre reiterada de Sosa também estão presentes, como suas reflexões sobre *gages*, que são enfim considerações modais sobre a relação entre os índices de realidade, a realidade e a crença. Não deixa o texto de refletir com elevadíssimo apuro técnico sobre as formas de evitar qualquer elemento falseador, desses que fazem a fortuna de exemplos gettierescos, mas já sinaliza a posição do

<sup>20</sup> SOSA, E., “How do you know?”, p. 119.

conhecedor, com a singularidade de evocar tanto os aspectos causais que devem figurar em uma boa definição do conhecimento quanto as notas características do conhecimento efetivo, que sempre evoca uma dimensão epistêmica mais ampla que o próprio indivíduo.

Se “princípios epistêmicos são a seiva de árvores de conhecimento”, como o afirma em “On our knowledge of matters of fact”, tudo se prepara para destacar o papel desse sujeito em relação ao qual, e apenas em relação a ele, uma proposição pode ser evidente; um sujeito que se distingue nisso de alguém a quem falte “adequado equipamento cognitivo”, uma vez que conhecimento é enfim “crença correta no que é evidente para você”, ou seja, no que é evidente e na forma como é evidente (como precisará dizer com mais ênfase) para um sujeito, em função de sua capacidade de conhecer<sup>21</sup>.

A desventura, a falha cognitiva de Mr. Magoo é então a de evitar, sem se dar conta disso, a aquisição de informação que

(i) um investigador normal em dada comunidade epistêmica adquiriria nessa situação, e (ii) importa para o que você pode razoavelmente concluir acerca da questão de se *p* (ou ao menos de quão razoavelmente você pode chegar a essa conclusão).<sup>22</sup>

Como exemplo contrário à aquisição de crença correta, Magoo atravessa o campo minado de exemplos gettierescos e contraexemplos outros que ultrapassam a situação gettieresca original, faltando agora apenas elaborar e incluir as condições desse sentido de ser sujeito do conhecimento entre as cláusulas e não apenas no contexto da definição de conhecimento.

Dessas *Magoo situations*, Sosa fez extrair um “aspecto distintivo do conceito de conhecimento: quem aspira ao conhecimento precisa ter de início um adequado equipamento cognitivo — relativo à questão à mão”<sup>23</sup>. Falta dizer, com todas as letras que a filosofia exige, quem é o não-Magoo, o *K*, esse ser em posição de conhecer, deslocando essa

<sup>21</sup> SOSA, Ernest, “On our knowledge of matters of fact”, p. 394 e p. 403.

<sup>22</sup> SOSA, Ernest, “On our knowledge of matters of fact”, p. 404.

<sup>23</sup> SOSA, Ernest, “On our knowledge of matters of fact”, p. 404.



cláusula não exatamente enunciada para a condição de uma definição essencial do que chamamos conhecer.

Conhecer é algo simplesmente feito por um sujeito, que, portanto, precisa ser enfatizado. E note-se aqui que o exemplo da lembrança disjuntiva poderia enfim ser superado. Não será considerado enfim haver conhecimento nessa situação, não por depender de um ver disjuntivo (que seria absurdo), mas por na origem da lembrança estar a formação de um conhecimento dependente da percepção, uma virtude intelectual. Não teremos mais a suposição de um enunciado disjuntivo verdadeiro, que pode todavia basear-se em uma falsidade, mas sim o exercício de uma percepção que, em sendo falha, tem nessa falha a razão de não poder contar como conhecimento. Dessa forma, o estar em posição de conhecer e, mais ainda, a listagem de virtudes intelectuais indispensáveis à definição de conhecimento superam positivamente o contraexemplo da lembrança disjuntiva. Curioso que esse exemplo não seja retomado, pois, segundo julgamos, era a principal dificuldade decorrente da análise anterior, sendo aquela cuja solução evoca o exercício de virtudes intelectuais, provocando a ênfase devida no sujeito.

O conhecimento supõe uma experiência organizada. Quem não nota aspectos, não organiza a experiência, não pode ter conhecimento. Mr. Magoo não pode falhar, pois não está em posição de conhecer. Sua desventura é nossa aventura constante de conhecimento. De todo modo, sem nome ou gesto inteiro, um tanto confusa, dividida ou reticente, e talvez ainda tentada a retornar à segurança das minudências de pura técnica analítica, a epistemologia das virtudes afirma-se bastante e está pronta para nascer no cenário da epistemologia contemporânea.

## Referências

SOSA, E. Propositional Knowledge. *Philosophical Studies*, v. 20, n. 3, 1969.

SOSA, E. Two conceptions of knowledge. *The Journal of Philosophy*, v. 67, n. 3, 1970.

SOSA, E. How do you know? *American Philosophical Quarterly*, v. 11, n. 2, 1974a.

---

SOSA, E. On our knowledge of matters of fact. *Mind*, v. 83, n. 331, 1974b.

SOSA, E. *Knowledge in perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SOSA, E. *A virtue epistemology: apt belief and reflective knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2007. v. 1.

SALLES, J. C. *A cláusula zero do conhecimento: estudos sobre Wittgenstein e Ernest Sosa*. Salvador: Quarteto, 2017.

SALLES, J. C. Conhecimento & análise em Ernest Sosa. *Revista Discurso*, v. 47, n. 2, 2017.

Recebido: 26/01/2018

*Received: 01/26/2018*

Aprovado: 26/01/2018

*Approved: 01/26/2018*